

***A HISTÓRIA INCOMPLETA DE BRENDA
E DE OUTRAS MULHERES:
SUBJETIVIDADES TRANS NAS BRECHAS DO EXISTIR***

[*A HISTÓRIA INCOMPLETA DE BRENDA E DE OUTRAS MULHERES:
TRANS SUBJECTIVITIES IN THE RIFTS OF THE EXISTENCE*]

FLÁVIA ANDREA RODRIGUES BENFATTIⁱ

ORCID 0000-0002-2176-3870

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG, Brasil

LUIZ HENRIQUE MOREIRA SOARESⁱⁱ

ORCID 0000-0003-1275-3280

Universidade Estadual Paulista – São José do Rio Preto, SP, Brasil

Resumo: A partir dos relatos presentes no livro *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres* (2016), do jornalista Chico Ludermir, este artigo analisa e articula um “olhar decolonial” sobre as dinâmicas de representação dos corpos subalternizados, bem como pensa o exercício da escrita como instrumento de resistência, reafirmação e construção de outras sensibilidades.

Palavras-chave: *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*; subjetividades trans; decolonialidade

Abstract: Based on the accounts in the book *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres* (2016), by journalist Chico Ludermir, this article analyzes and articulates a “decolonial look” on the dynamics of representation of subalternized bodies, as well as considering the exercise of writing as an instrument of resistance, reaffirmation, and construction of other sensibilities.

Keywords: *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*; trans subjectivities; decoloniality

Este artigo traz à tona discussões sobre subjetividades e corporeidades de mulheres trans a fim de evidenciá-las como seres dignos de existir, uma vez que as sociedades ocidentais cisheteronormativas, eurocentradas e cristãs têm invisibilizado as “mulheres” desde a “invenção das Américas” (MIGNOLO, 2018). Quando falamos em “mulher”, a tendência é se pensar no “sexo feminino”, a partir do “órgão genital feminino”, e na mulher branca, como se outras mulheres não entrassem nessa categoria (negras, indígenas, lésbicas e trans¹). Nessa linha de pensamento, procuraremos tratar das existências trans como subjetividades que importam, cujos corpos são atravessados por dinâmicas estatais e econômicas, mas imbuídos e permeados de resistências históricas.

As reflexões presentes neste artigo serão elaboradas a partir de relatos (contos) de mulheres trans compilados no livro intitulado *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*, publicado em 2016, pelo jornalista pernambucano Chico Ludermir. Todas as histórias de vidas dessas mulheres se passam no Nordeste do Brasil, especificamente na cidade de Recife (PE). Consideraremos esses relatos em termos literários já que o autor/narrador, por meio de um discurso subjetivo, com o intuito de descortinar histórias de pessoas socialmente negligenciadas, apresenta uma singularidade analítica e crítica no trato com a linguagem.

É, portanto, a partir da obra de Ludermir que pensaremos o projeto decolonial como uma opção possível para desconstruir as bases dos discursos de ódio social em relação às mulheres, especialmente às mulheres trans — mulheres também diferentes entre si.

Nos bastidores dos preconceitos, transfobias, misoginia e violência encontramos um poder que sustenta esses desvalores. Há, portanto, por detrás dessa sustentabilidade, uma Matriz Colonial de Poder (MCP)², isto é, um projeto da modernidade/colonialidade

¹ O uso do vocábulo “trans”, neste texto, aponta para uma posição conceitual (aparentemente neutra) que entende as dinâmicas históricas, políticas e sociais sobre “travesti” e “transexual”. Assim, como destaca Amara Moira (2021), a distinção entre esses termos deve ser “borrada”, não podendo esquecer os elementos incorporados no debate de construção da diferença, as questões de classe social, de raça e de vulnerabilidade, bem como o caráter higienista e estigmatizado recaído sobre os corpos nomeados como “travestis”.

² Optamos por usar Matriz Colonial de Poder (MCP) com iniciais maiúsculas devido ao fato de se usar a abreviação (MCP) com iniciais maiúsculas. A sigla MCP, em inglês *CMP* (*Colonial Matrix of Power*) é

que instaura modos de ser, saber, agir, pensar e sentir ditados por modelos eurocentrados de vida. Sabemos hoje que esse modelo, desde a colonização das Américas, foi e ainda é absolutamente danoso para as vidas sob seu jugo, principalmente as vidas localizadas abaixo da “linha abissal”, pontuada por Boaventura Sousa Santos (2007). Para o teórico, o pensamento abissal consiste no “pensamento moderno ocidental” que invisibiliza quem se encontra “do outro lado da linha”, ou seja, o Sul Global “desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente. Inexistência significa não existir sob qualquer forma de ser relevante ou compreensível” (SANTOS, 2007, p. 71). Isso significa dizer que as ontologias e epistemologias do Sul não fazem parte do que é considerado “ser” e “saber” para a hegemonia do Norte Global. Abaixo da linha abissal há, portanto, domínio e apropriação, mas também há resistência.

É necessário refletir um pouco sobre seres, subjetividades e vivências de pessoas que, além de estarem no lado sul da linha abissal, discriminadamente considerado um local menos civilizado do que o norte, ainda não são vistas como propriamente dignas de “humanidade” — são pessoas que habitam corpos desvalorizados e/ou rejeitados pela MCP: as mulheres trans, negras, lésbicas e indígenas. Mulheres brancas, cisgênero e heterossexuais, mesmo incluídas na categoria “mulher”, ainda desfrutam de certos privilégios. Aos homens cisgêneros e heterossexuais, louvores são dados e atestados pela MCP, cuja base se encontra no Norte Global. Porém, com o processo colonizatório e a colonialidade de poder³ (QUIJANO, 2005), as Américas colonizadas (Central, Sul e Caribe) seguem as “ordens” da matriz e instituem seus poderes, saberes e vivências dentro dos mesmos padrões eurocêntricos (Europa e Estados Unidos da América). Portanto, dentro desse sistema organizacional da modernidade, encontra-se uma estrutura discursiva hegemônica definidora do “crível” e do “intolerável”.

Considerando nosso objeto de análise neste artigo, cabe aqui observar que, embora os contos sejam escritos por um homem cisgênero gay, é importante dizer que ele faz uma ressalva nas “Notas do Autor” sobre sua condição de “privilégio” a partir de um sentimento de incômodo por falar “em nome” das mulheres trans:

um termo cunhado por um dos teóricos da decolonialidade, Walter D. Mignolo (2018). É também retomado por Catherine Walsh (2018).

³ Para Quijano (2005), trata-se de um controle exercido desde o início da colonização da América (a partir de 1492), baseado na distinção feita pelos colonizadores entre os conceitos de superioridade (colonizador) e inferioridade (colonizado).

Enquanto homem cis, tenho a triste consciência de que meu próprio corpo corrobora com um discurso de exclusão que cala e violenta pessoas a todo instante. Enquanto brasileiro, sei que, tragicamente faço parte do país que mais mata travestis e mulheres trans no mundo. Enquanto escritor brasileiro e cisgênero, reconheço o privilégio de poder assumir um lugar de fala que é negado a uma imensa parte da população [...]. (LUDERMIR, 2016, p. 15)

Mais adiante o autor explica esse “privilégio” como uma situação de conforto, porém não pleno “por ser gay e enfrentar a homofobia”. Ainda assim, Ludermir parece possuir um sentimento de culpa por não estarmos, nós leitores, lendo diretamente um texto escrito por essas vozes, tão massacradas e inferiorizadas socialmente. Ao todo, somam-se onze histórias (umas bem curtas, de até uma página, e outras mais longas), cada qual com sua peculiaridade e dor incríveis por simplesmente tratarem de mulheres que habitam corpos socialmente não críveis, não toleráveis.

Em “A mãe de Anne”, Anne se dizia menina, o pai, advogado, machista e patriarcal, não admitia ter “um filho” fora dos padrões normativos. Divorciado, o pai possuía a chave da casa, facilidade concedida pela mãe para que ele e a filha tivessem um relacionamento saudável. Dentre tantas atitudes opressivas do pai, por medo “do filho” tornar-se menina, Anne se refugiava em seu quarto, onde se “montava” como mulher. Gostava de imitar Anahí, personagem da telenovela mexicana *Rebelde*. Um dia, o pai chega para visitá-la, e ela tinha acabado de sair do quarto após seu “show”. A seguir, deu-se a seguinte conversa entre pai, mãe e filha:

- Que danado é isso na testa?, e o tom de Adalberto não era propriamente de curiosidade.
- É uma estrela, Adalberto, interveio a mãe, torcendo que o assunto morresse logo em seguida. Mas Anne não deixou morrer.
- Eu tava fazendo um show, pai, continuou o assunto.
- Show?, e o semblante do homem já era de uma indignação extrema.
- É. Eu assisto o show de Rebelde no computador e imito igualzinho, respondeu Anne já sabendo da iminência de mais um enfrentamento. *Não sabia bem o que, aos olhos do pai, estava errado na sua conduta, mas sabia que era grave.* (LUDERMIR, 2016, p. 41, grifos nossos)

O trecho acima mostra que Anne sabe dos enfrentamentos com o pai e a dificuldade que teria pela frente em ser ela mesma, no entanto, não consegue entender o que haveria de errado em sua conduta, só sabia que “era grave”. Percebe-se, na história de Anne, como os preconceitos são construídos dentro do espaço familiar e, também, no espaço social, sempre sustentados pela MCP.

Em outro trecho, o pai revela bem claramente sua forma patriarcal de agir. Primeiro, agride a ex-mulher, fisicamente, e depois a filha, verbalmente:

— Você não precisa se comportar como homem, Somália (mãe da menina). Mas parece que está se esquecendo de como se comportar como mulher, disse, elevando o tom da voz e levantando-se da cadeira. *As mãos de Adalberto [o pai] agarraram Somália pelos ombros e, chacoalhando-a com violência, vociferou: “Eu não vou deixar meu filho virar fresco feito teu irmão”.*

Adalberto largou os ombros da ex-mulher e viu Anne encostada na porta do banheiro, paralisada.

— Eu esperava mais de você... meu único filho homem. *Não conte comigo pra nada, seu merda.* Nem dinheiro, nem viagem. Enquanto não virar macho, não dou a mais do que tá na lei nada, disse, e se encaminhando para a porta. Fechou-a com força. (LUDERMIR, 2016, p. 46, grifos parênteses nossos)

Igualmente no conto “Nada faz tanto tempo assim”, o narrador versa sobre Deusa, de dezessete anos, que há pouco havia se assumido travesti:

Depois de ter passado nove meses usando saias e vestidos somente durante noite, decidi ser ela integralmente. Dormindo, acordada, em casa, na rua e na escola. Desde então, praticamente rompeu relação com o pai (Zé Roberto resume sua relação com a filha aos sessenta reais que lhe dá, obrigado por lei, uma vez por semana). Sente falta de um carinho antigo. De quando iam juntos a lanchonetes e a bares, brincavam no Galo da Madrugada. Tudo mudou desde que ele virou crente. E ela virou Deusa. *O rompimento aconteceu no meio da rua quando o pai bateu na filha recém-nascida.* (LUDERMIR, 2016, p. 65, grifos nossos)

Outra personagem do livro, do conto “Existir é dar um jeito”, é Mariana, pobre, negra, usuária de crack, que sofreu vários tipos de violência, mas também não deixava barato e, por isso, fora presa várias vezes, mesmo tendo razão:

Mariana é abordada na rua por um rapaz e entra no carro dele. Se recusa a fazer o programa quando aparecem outros três. Pede para voltar e o *motorista com agressividade a expulsa.* Saca uma arma, xinga e atira. Mariana se mantém correndo até perder as forças. A bala atingiu o fígado e o pulmão e deixou uma marca da virilha até o peito. (LUDERMIR, 2016, p. 96, grifos nossos)

Mariana, quando criança, também apanhou do pai ao saber que “o filho ‘tava brincando de viado”. No relato abaixo, o narrador nos conta o episódio:

No telefone sem fio da comunidade, o menino também já sabia o que lhe esperava. Fugiu e passou um tempo vendo acenderem as luzes da sua casa, morrendo de medo. Quando chegou, *seu pai lhe aguardava com um cipó arrancado do pé de araçá. Sem dizer nada além de xingamentos, tirou a roupa da criança e bateu até deixá-la em brasa, molhando todo o corpo com ajuda de um caneco.* Os gritos e soluços foram ouvidos em todo o

bairro. O menino tinha seis anos. Ainda não sabia que seria Mariana. (LUDERMIR, 2016, p. 98, grifos nossos)

No conto “O filho que deixou de ser”, quando a família de Francine descobre que ela estava “namorando um rapaz da rua de cima”, o que, segundo o narrador, não era surpresa para ninguém, o pai não aceita:

“Não quero um viado em casa!”, reescutou, reviu, reviveu. Seu pai, ainda com roupa de trabalho gritava a todos que quisessem ouvir: *“filho viado, eu não crio!”*. E não adiantaram os apelos da mãe. A partir desse dia, aos treze anos, filho deixou de ser. Para visitar a família, só na ausência paterna. Nem na mesma calçada andaram os Franciscos durante quase vinte anos. (LUDERMIR, 2016, p. 103, grifos nossos)

E sobre Maria Clara, do conto “Formas de voltar para casa”, o narrador relata:

Suas primeiras lembranças estavam povoadas de não: não podia brincar com as meninas, não podia usar o banheiro feminino e nem as cores rosa e roxo. Seu Rubem e Dona Maria Francisca, ao perceberem que o nome masculino que haviam escolhido não encaixava na filha, resistiram. Reprimiam-na de um lado, repuxavam-na pro outro; *batiam na tentativa de “consertar”*, mas a filha não queria “conserto” [...] (LUDERMIR, 2016, p. 110, grifos nossos)

Como destacado nos textos, a violência física e simbólica e o caráter contraditório da casa configuram-se como aspectos aproximativos. A herança colonial, calcada por preceitos de cisgeneridade, heterossexualidade e masculinidade, atravessa as corporeidades trans a partir da permeabilidade vital das instituições. A família, nos textos, aparece como “esteio cultural”, um elemento definidor cujo espaço de simbolização agrupa discursos e modos de produção subjetiva baseados em regramentos de gênero e de sexualidade, reforçados a partir da discriminação e do preconceito presente nos discursos das personagens.

A figura paterna estabelece, nessa leitura, a primazia do poder colonial. Na voz do pai, as normativas de gênero, de sexualidade e de comportamento são enunciadas, executadas e mantidas, configurando-se como parte da “colonialidade cisgênera”, conceituada por Viviane Vergueiro (2016, p. 254) como uma esfera interseccionalmente situada na qual o gerenciamento e o controle dos corpos a partir da cisgeneridade produz violências, invisibilidades e aniquilações, invocando nas personagens trans sentimentos e ações combativas: “Cada arranhão, Deusa devolve ao mundo. Cada tapa, puxão de cabelo que levou, ela engole, digere e cospe. É aprendizado antigo, sobrevivência” (LUDERMIR, 2016, p. 65). Em meio aos conflitos e sofrimentos, há

também o autoconhecimento e a resistência, parte constitutiva das experiências de personagens trans na literatura brasileira (OLIVEIRA, 2016, p. 9), ao assumirem uma posição de coragem e de enfrentamento, como performatizada pelas personagens dos contos:

Para significar sofrimentos, exclusões, experiências subjetivas e corpóreas, são produzidos discursos que operam como sistemas de saberes que se apresentam como verdades e que se materializam performaticamente nas reiteraões cotidianas das travestis. Se a família de origem exilou a travesti, ela a reconfigura. Estratégias de sobrevivência nos são apresentadas em suas biografias, tornando-se, nesse caso, estratégias de resistência. (BENTO, 2012, p. 281)

A (re)construção dessas histórias de desafetos e de violências físicas e verbais, perpetradas principalmente por parte dos pais das mulheres trans dos contos supracitados, institui uma questão simbólica: mais do que observá-las como corporeidades públicas, atravessadas pela vulnerabilidade e deslocadas da categoria de “humano”, as imagens dessas mulheres produzem modos de significação dos corpos dentro de uma economia da perda e do luto.

Em *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence* (2004), Judith Butler escreve sobre a “inevitável inexistência” de certos corpos a partir de dinâmicas cisheteronormativas. A conceituação do “humano”, nesses parâmetros, permeia a própria “não humanidade” das corporeidades trans, na medida em que as estruturam fora do campo da “realidade”:

Se a violência é cometida contra aqueles que são irreais, então, da perspectiva da violência, não há violação ou negação dessas vidas, uma vez que elas já foram negadas. Mas elas têm uma maneira estranha de permanecer animadas e assim devem ser negadas novamente (e novamente). *Elas não podem ser passíveis de luto porque sempre estiveram perdidas ou, melhor, nunca “foram”, e elas devem ser assassinadas, já que aparentemente continuam a viver, teimosamente, nesse estado de morte. A violência renova-se em face da aparente inesgotabilidade do seu objeto* (BUTLER, 2004, p. 33, grifos nossos, tradução nossa⁴).

Nesse “estado de morte”, enunciado por Butler (2004), todas as possibilidades de existência fora dos eixos convencionalizados do “humano” são, desde o princípio, não

⁴ “If violence is done against those who are unreal, then, from the perspective of violence, it fails to injure or negate those lives since those lives are already negated. But they have a strange way of remaining animated and so must be negated again (and again). They cannot be mourned because they are always already lost or, rather, never “were,” and they must be killed, since they seem to live on, stubbornly, in this state of deadness. Violence renews itself in the face of the apparent inexhaustibility of its object.” (BUTLER, 2004, p. 33)

vidas. Nesse sentido, se as corporeidades trans são vidas impossíveis de serem enlutadas, justamente porque vivem nesse “estado de morte”, então como narrar? Como escrever sobre um “luto incapturável” pelas lentes da cisheteronormatividade? Butler trata do obituário, esse “meio pelo qual uma vida se torna, ou deixa de se tornar, uma vida publicamente dolorosa, um ícone do autorreconhecimento nacional; o meio pelo qual uma vida se torna digna de nota” (2004, p. 34, tradução nossa)⁵, como forma convencional de narração na qual se estabelece a possibilidade remota de enquadramento e de reconhecimento (ainda que fictício) de uma existência.

Nesses termos, pela impossibilidade, produz-se literatura. A obra de Ludermir insiste na própria existência e na reconfiguração do humano ao estruturar um projeto memorialístico, de celebração, de desejo e de resistência.

Mariana não sabe — mas saberá — que o encontro com ela foi a reafirmação da vida. Porque além de não ter celular ou rede social traz em si o cheiro forte da violência cotidiana — da infância, da juventude, da maturidade — e da exclusão. [...] Desviamos de algumas poças de lama juntos. Comemos mais uma manga e seguimos com uma trouxa de roupa que ela pegou para lavar. Assim consegue o dinheiro para o hoje. No amanhã, só pensará quando acordar. Vai vivendo um dia por vez. (LUDERMIR, 2016, p. 98)

Os discursos da negação da autonomia, do nome e do próprio direito à expressão são revelados nos textos de Ludermir a partir da resignificação promovida pelas personagens:

Wanessa mudou-se de corpo. Daquele rapaz meio desengonçado e até desconstruído, surgiu uma mulher forte. Somou os efeitos do estrógeno e intervenções cirúrgicas, retoques de maquiagem e um cabelo num tom de vermelho aceso e vibrante. Escolheu a cor vermelha como endereço. (LUDERMIR, 2016, p. 119)

Interessante notar, nos textos, que a não aceitação social pesa mais pelo fato das corporeidades trans estarem relacionada a adereços femininos, como uso de batom, maquiagem e roupas, a princípio. Há ainda aquelas que optam pelo uso de hormônios e de silicone, quando em idade para realizar transformações. Isso tudo faz com que essas mulheres se tornem ainda mais subalternizadas e estigmatizadas socialmente, pois elas são vistas, na perspectiva patriarcal, como uma afronta à masculinidade viril. No

⁵ “It is the means by which a life becomes, or fails to become, a publicly grievable life, an icon for national self-recognition, the means by which a life becomes noteworthy.” (BUTLER, 2004, p. 34)

entanto, nos bastidores da hipocrisia são, na maioria, esses mesmos indivíduos patriarcais que vão buscar sexo com elas.

O patriarcado é um sistema extremamente nocivo para a sociedade. Desde tempos remotos, na Grécia e Roma antigas, século V a. C, homens cis heterossexuais já eram o foco dos privilégios. A superioridade física do homem com relação à mulher e o fato de se valorizar o pênis — Deus Príapo — fez com que outras subjetividades fossem consideradas “menores”, tanto fisicamente quanto intelectualmente (LERNER, 2020; NIGRO et al., 2020). Mais adiante, na história, temos a ideia de superioridade/inferioridade conectada ao conceito de raça, concebido, pela primeira vez, pelos colonizadores da América por volta de 1492. Desde essa data, as discriminações, inferiorizações e superioridade de um povo sobre outro tomaram proporções catastróficas. Com a colonização, as pessoas passaram a ser classificadas, rotuladas, estigmatizadas, sempre dentro do binarismo homem/mulher, para então entrar nesse jogo binário, outros derivativos: homem branco/mulher branca; homem negro/mulher negra, etc. Juntamente com esses binarismos de gênero e de raça, ainda se produzem as intersecções com identidades sexuais. Nesse sentido, as mulheres trans são a categoria mais baixa nessa escala classificatória. Segundo Maturana:

A maioria dos seres humanos vive hoje em uma cultura patriarcal de um tipo ou outro. Uma cultura patriarcal consiste em uma maneira de viver centrada na apropriação, dominação e submissão, desconfiança e controle, discriminação sexual e racial e guerra. Em uma cultura patriarcal, a coexistência humana pode assumir muitas formas diferentes, mas é essencialmente política. Nela, as relações são vistas principalmente como instrumentos para obter superioridade em uma luta contínua pelo poder e são vividas principalmente como tal (MATURANA, 2008, s.p, tradução nossa⁶).

Portanto, toda a sorte de discriminações e de desvalorização humanas são sustentadas por esse sistema. E, nas palavras de Maturana (2008), o patriarcado luta incessantemente e continuamente pelo poder e pela superioridade. No centro dessa patologia, está o homem branco heterossexual europeu e cristão. E, como o sistema é muito perspicaz, mulheres brancas (segunda posição na hierarquia), bem como homens

⁶ “Most human beings today live in a patriarchal culture of one kind or another. A patriarchal culture consists in a manner of living centered in appropriation, domination and submission, mistrust and control, sexual and racial discrimination, and war. In a patriarchal culture human coexistence may have many different forms, but it is essentially political. In it relations are viewed mostly as instrumental for gaining superiority in a continuous power struggle, and are lived mostly as such” (MATURANA, 2008, s.p.).

negros (terceira posição na hierarquia), principalmente, mas não somente, acabam por incorporá-lo, sem se darem conta das mazelas que causa.

Diante disso, faz-se mister perceber suas idiossincrasias para então repensarmos nossas posições dentro dele e buscarmos saídas a fim de evitarmos que seres humanos continuem sendo descartados como humanos. Para tanto, recorreremos à opção decolonial que, segundo Mignolo e Walsh busca, dentre outras propostas, “a redefinição e a ressignificação da vida em condições de dignidade” (2018, p. 3, tradução nossa)⁷. Essa premissa do projeto decolonial é fundamental para começarmos a repensar novos modos de viver nos quais todo e qualquer ser humano tenha o direito à uma existência digna.

O que as histórias das mulheres trans nos mostram, sob a ótica de Ludermir, é o quanto nós, como supostos “seres humanos”, corroboramos para a desumanização. Como a escrita literária de pessoas consideradas inferiorizadas pelas sociedades capitalistas pode nos ajudar a pensar de uma maneira decolonial? No caso de nosso objeto de análise, neste artigo, não temos a voz direta das pessoas trans descritas por Ludermir, mas temos o seu olhar atento e sensível a vidas que se tornaram personagens no seu projeto literário/político de escrita. Enquanto observador/pesquisador dessas vidas e realidades, é preciso saber ouvir (e saber calar) para ter critérios e buscar um “caminho explanatório” que seja sensível ao olhar do leitor.

Concordamos com uma das formas de ouvir tratadas por Maturana (2001) e a que ele chama de “objetividade entre parênteses”. Para tanto, o teórico descreve um observador/pesquisador consciente que é parte de um sistema vivo e que há também outros observadores que operam em diferentes domínios de realidade igualmente legitimados.

Quando o autor de *A história incompleta de Brenda*, Chico Ludermir, se posiciona nas “Notas do autor”, pontuando que “o livro se propõe a compartilhar certas narrativas, não deseja falar pelo outro ou roubar protagonismos” (LUDERMIR, 2016, p. 17), percebemos que se trata dessa objetividade em parênteses problematizada por Maturana.

Em outras palavras, “saber ouvir” é entender sobre a existência de outros com suas histórias e protagonismos; o “falar por” é apenas um dos modos de objetivar realidades sob uma perspectiva que não é universal, nem totalizante, pois cada indivíduo possui uma subjetividade na qual o outro não consegue se interpor. “Saber ouvir” é um

⁷ “the redefining and re-signifying of life in conditions of dignity” (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 3).

dos atos pelos quais um bom pesquisador das vidas humanas abre brechas no existir de outros, ainda invisibilizados, na proposição de “enxergar a ‘beleza na incompletude’, e de que modo esse encontro com a incompletude do ‘outro’ consegue mover e ressignificar a sua atividade literária e de leitura do mundo” (MONTEIRO et al., 2020, p. 237).

Ao rememorar e reconstruir as “histórias menores” de mulheres trans, por meio do incômodo da voz narrativa, Ludermir articula uma mirada decolonial sobre a cisgeneridade e a representação. A narração e a representação de/sobre essas mulheres emaranham-se a um pensar decolonial que questiona a matriz de inteligibilidade cisnormativa e binária, deixando entrever os modos pelos quais os estereótipos sobre as identidades trans são naturalizados e mantidos.

Desse modo, a obra de Ludermir, gestada durante mais de três anos de pesquisas e entrevistas, é produzida justamente no entrelaçamento de afetações e de deslocamentos. As onze histórias narradas, bem como o ensaio fotográfico realizado com cada uma das mulheres/personagens das histórias, articulam um olhar complexo. A proposta de Ludermir parte de uma escolha metodológica inventiva e crítica, especialmente porque intersecciona a literatura e o jornalismo, a realidade e a ficção, o “eu” e o “outro”:

[...] mais do que um livro de contos, um livro de relatos ou até mesmo um mero livro de fotografias: é uma metáfora da possibilidade de preencher vazios, mas também de ressignificá-los — renomear ou simplesmente implodir. E é justamente da implosão que muitas histórias contadas são constituídas. (SOARES, 2018, p. 1-2)

A capacidade de implosão presente na obra, percebida por Soares (2018), liga-se também ao fato de a proposta de Ludermir expor um exercício narrativo de “outridade”. No encontro, ou mesmo nos desencontros, o autor/narrador vê-se atravessado por essas mulheres, suas dores, ilusões e alegrias. A nomeação não se estrutura a partir de uma base meramente binária (eu/outro, sujeito/objeto), pelo contrário, estabelece a afetação, no ato de afetar-se, tanto no sentido de “importar-se com algo”, no “incômodo produzido por algo”, quanto na potência de “representar” ou “figurar algo”. A afetação, de modo dialógico, articula esse exercício de “olhar” com singularidade, perceptível nas narrativas:

Um terceiro ângulo mostra Wanessa única, como cada uma das personagens presentes nesses relatos. Só ela tem aquele tom de vermelho no cabelo, só ela tem esse sorriso

estridente, só Wanessa fez tantas mudanças de casa e de corpo, que nos lembram o quanto é necessário nos mudarmos também. (LUDERMIR, 2016, p. 120)

Ao escrever sobre/com essas mulheres⁸, Ludermir também escreve sobre si. Nesse jogo, o exercício de “olhar o outro” se confunde com o exercício literário e jornalístico, deixando entrever questões políticas e ideológicas de representação e discurso. O discurso do narrador vislumbra a afetação causada por parte das personagens:

Já era fim de tarde e o chão de terra ficava ainda mais alaranjado no Pilar. Na sombra de uma casa quase em ruínas, uma moça chupa uma manga com um dedo entortado por golpes de capacete. Ao lado outros carochos, já sem polpa.
Magra, negra, poucos cabelos e dentes.
Quase sem acreditar no encontro, me aproximo, cheio de dúvidas, olho e abraço.
(LUDERMIR, 2016, p. 96-97)

De acordo com Soares (2020, p. 95), apoiando-se nos postulados de Regina Dalcastagné (2012), a falta de acesso à voz, por parte das personagens trans, no interior das narrativas, especialmente quando controladas por narradores cisheterocentros, pode ser interpretada como mais um índice de subalternidade. Esse caráter eminentemente político da narração entranha-se aos processos de produção de legitimidade e humanidade. A disposição dos discursos, assim, está relacionada não somente aos modos constitutivos de certa “subjetividade estranhada”, mas também na própria operação de diferenciação e desigualdade estabelecida com o narrador enquanto “produto linguístico observante e não confiável” (SOARES, 2020, p. 95).

Podemos chamar esse olhar do autor-narrador de decolonial na medida em que busca resgatar histórias apagadas pela modernidade/colonialidade (dois pilares da MCP) que tem trabalhado incessantemente para “negar, repudiar, distorcer e refutar conhecimentos, subjetividades, sentidos de mundo e visões de vida” (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 4, tradução nossa⁹). Pode-se qualificar esse “olhar” como decolonial pois busca revelar as dinâmicas de produção da realidade e de intervenção nessa realidade, a corporificação de traumas e violências, mas também de vidas legítimas dentro de um espectro de sensibilidade e de afetação. O “olhar” consciente e crítico,

⁸ O projeto de Ludermir se estende em outras plataformas de produção de subjetividade. Em seu canal no *YouTube* (<https://www.youtube.com/channel/UCSHal0k1-i10GoIm1H090bw>), o autor apresenta uma série de entrevistas e leituras dos trechos do livro, compartilhadas diretamente com as personagens das histórias narradas.

⁹ “negate, disavow, distort and deny knowledges, subjectivites, world senses, and life visions” (MIGNOLO; WALSH, 2018, p. 4).

mas também sensível, parte da observação para a materialização narrativa dessas mulheres, ao mesmo tempo em que encena os atravessamentos desse exercício, como destaca Maria Clara Araújo no prefácio da obra:

Precisamos não só conseguir enxergar as mulheres e travestis que se abriam para o nascimento dessa publicação, mas proporcioná-las o direito de fala e de serem ouvidas. Dessa forma, existirá a demarcação de que uma nova história está sendo escrita. E que, nessa nova versão, o protagonismo é nosso. A produção da minha identidade vai de encontro, necessariamente, com a produção do “outro”. Porém, que possamos permitir a criação de algo que não tenha sido escrito apenas por um único lado. Que outras narrativas possam existir. E que possam ser vistas. Que estampemos com nossos rostos, narremos nossas vivências, criemos a imagem do ambiente vivido e coloquemos o ponto final quando preciso, mas as reticências na esperança de continuarmos (r)existindo. (ARAÚJO, 2016, p. 12-13)

No conto “A História Incompleta de Brenda”, que dá nome ao livro, Brenda (Juninho quando criança, marinheiro Bazante quando adulta e Brenda, sua identidade travesti) sofre, assim como em todas as outras histórias, preconceitos desde criança, xingamentos, maus tratos de toda espécie e não aceitação familiar. A mulher Brenda fora assediada por companheiros de quartel, ainda em lento processo de transformação e, em sua primeira relação sexual, estuprada. No banheiro do quartel, o narrador nos conta:

Enquanto se enxugava, maldizendo a vigília obrigatória, teve certeza de que estava sendo seguida. Reconheceu aqueles dentes separados e rapidamente tentou se esquivar do empurrão que lhe forçou a entrar na cabine do banheiro
— Se você gritar eu digo a todo mundo que foi você que passou a mão em mim. Vai ser pior.
— Não, por favor! Não!
O homem arrancou a toalha de Bazante, deixando-a inteiramente nua. Abriu o cinto e o botão da calça e mandou que ela chupasse. Quanto mais ela resistia, mais ele se tornava agressivo [...] Brenda guardou da sua primeira relação sexual alguns arranhões na pele e uma dor castigante na região anal. Foram apenas cinco minutos em cima da privada que lhe tatuaram a sexualidade daí por diante. (LUDERMIR, 2016, p. 165-166)

A invasão e a agressão ao corpo de Brenda mostram o quanto corporeidades trans são, ao mesmo tempo, objetos de desejo e de repúdio. O ódio cisheteronormativo a esses corpos indignos de cuidado servem aos que os buscam como prazer e imposição de dor a elas, se não devidamente respeitadas. E respeito é algo praticamente impossível nessa relação entre uma masculinidade agressiva e uma feminilidade fragilizada.

Diante do quadro estarrecedor de opressão, desprezo e objetificação das vidas trans apresentadas no livro de Ludermir, só nos resta uma saída: promover debates

incansáveis, seja no meio acadêmico ou fora dele, a fim de despertar consciências empáticas para realidades de violência física, moral e de mortes, não mais pertinentes. É preciso decolonizar, no sentido de colaborarmos para a restituição dessas subjetividades e desses corpos nos meios sociais e nas redes sociais para tentarmos deter essas discriminações. É preciso um esforço conjunto para que realidades torturantes sejam transformadas em afeto e respeito ao modo de existir do outro.

A literatura por si só é capaz de nos transformar, nos fazer enxergar aquilo que, muitas vezes, não somos capazes de ver a olho nu: ela desnuda o véu que nos cega para mostrar que vidas estão ali nas páginas de um texto, representadas. Nesse sentido, ficção e realidade se interpõem, se interpenetram. Ademais, a literatura em intersecção com outras disciplinas como o jornalismo, o direito, a história dentre outras, nos brinda com olhares pluriversais capazes de nos permitir sair do lugar comum para repensarmos nossas existências e nossas relações humanas. É preciso haver mudanças em nossos “emocionares” (MATURANA, 2004) para (con)vivermos e coabitarmos harmoniosamente. Para tanto, devemos reestruturar, principalmente, nossos modos de ver e ouvir a fim de que saberes pré-concebidos a respeito de vidas divergentes das nossas sejam decolonizados para que não haja apenas brechas no existir de pessoas trans e outras socialmente inferiorizadas, mas sim, espaços de direito, de respeito e de dignidade.

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Maria Clara. Prefácio. In: LUDERMIR, Chico. *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016, p. 11-13.
- BENTO, Berenice. As famílias que habitam “a família”. *Sociedade e Cultura*, v. 15, n. 2, p. 275-283, 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.5216/sec.v15i2.22396>>. Acesso em 09 jun. 2021.
- BUTLER, Judith. *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. New York: Verso, 2004.
- LERNER, Gerda. *A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens*. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2020.

- LUDERMIR, Chico. *A história incompleta de Brenda e de outras mulheres*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2016.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Organização e tradução de Cristina Magro e Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MATURANA, Humberto; ZÖLLER-VERDEN, Gerda. *Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Editora Palas Athena, 2004.
- MATURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. *The Origin of Humanness in The Biology of Love*. Edited by Pille Bunnell. Imprint Academic, Exeter, UK, 2008.
- MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. *On Decoloniality: Concepts, Analytics, Praxis*. Durham and London: Duke University Press, 2018.
- MOIRA, Amara. A origem da diferenciação entre travestis e transexuais. *BuzzFeed*, 2021. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/a-origem-da-diferenciacao-entre-travestis-e-ransexuais?fbclid=IwAR33ZLfOLRsjQeyVSAm8DVDvaA5sPoiIAYKBk_QizF3U2I7hOiM787QwsFg>. Acesso em 15 jun. 2021.
- MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza et al. *Corpos-texto na imensidão de histórias incompletas: a sexualidade como dispositivo de sentidos*. MONTEIRO, Solange Aparecida de Souza (Org.). *A educação no Brasil e no mundo: avanços, limites e contradições 6*. Ponta Grossa: Atena Editora, 2020, p. 228-244.
- NIGRO, Cláudia Maria Ceneviva et al. A masculinidade hegemônica e a (im) posição dos corpos: resquícios da virilidade patriarcal na história e na literatura. *Polifonia*, v. 27, n. 46, p. 9-24, 2020. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/11163>>. Acesso em 26 fev. 2022.
- OLIVEIRA, Francine Natasha Alves. Travestis na literatura: personagens e identidades abjetas. *Darandina Revisteletrônica*, v. 8, p. 1-15, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/33839472/Travestis_na_Literatura_Personagens_e_Identidades_Abjetas>. Acesso em 16 jun. 2021.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____ *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 117-142, 2005.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos estudos CEBRAP*, p. 71-94, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnJ7THFDBrgc/?lang=pt>>. Acesso em 06 jul. 2021.
- SOARES, Luiz Henrique Moreira. Para ouvir o canto das sereias: um comentário sobre “A história incompleta de Brenda e de outras mulheres” (2016). *Revista Entre Parênteses*, n. 7, v. 1, p. 1-7, 2018. Disponível: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/article/view/776>>. Acesso em 08 jun. 2021.

SOARES, Luiz Henrique Moreira. Sereia do asfalto, rainha do luar: configurações da personagem travesti no romance contemporâneo brasileiro. 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020.

VERGUEIRO, Viviane. Pensando a cisgeneridade como crítica decolonial. In: MESSEDER, Suely et al (Orgs). *Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 249-270. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/mg3c9/pdf/messeder-9788523218669-14.pdf>>. Acesso em 01 jun. 2021.

*Recebido em 11/09/2021
Aceito em 15/01/2021*

ⁱ **Flávia Andrea Rodrigues Benfatti** é Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo-USP (2013), mestre em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (2005) e graduada em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual Paulista. Professora adjunto IV da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPLET). É líder do grupo de estudos e de pesquisa (GERS - UFU) registrado no diretório de pesquisa do CNPq, desenvolvendo projeto intitulado “As Opressões Patriarcais e a Decolonização de Gênero, Raça e Sexualidades na Literatura da América Latina” e vice líder do grupo de pesquisa Marginália Decolonial. Além disso, possui Pós-Doutorado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) em parceria com a Duke University (Estados Unidos - 2021). **E-mail:** flaviarbenfatti@gmail.com

ⁱⁱ **Luiz Henrique Moreira Soares** é Doutorando e mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG- Letras), da Universidade Estadual Paulista - UNESP - Campus de São José do Rio Preto. Possui graduação em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual do Norte do Paraná UENP - Campus de Jacarezinho. É membro do grupo de pesquisa Gênero e Raça, cadastrado no CNPq. **E-mail:** luizhsoares83@gmail.com